

ESPORTE

Encostado na balisa Osvaldo espiava as arquibancadas.

— Gente abessa — pensou.

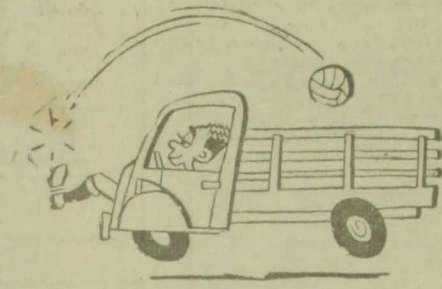
No meio do campo a bola corria de um lado para outro. O Bangu quase fez um goal. Osvaldo respira fundo. A chavinha miúda umedece o seu topete. De repente um vascaíno pega a bola e vem correndo pro lado dele. Ele pára bem no meio da meta e fica atento. O chute partiu dos pés de alguém e passou longe do arco. Osvaldo faz pôse. Volta para a balisa e fica encostado, espiando. Agora é o Zizinho que está com a bola. Vai bater uma penalidade. "Gooal" do Bangu. Osvaldo pula feliz e sózinho, lá atrás. Nova saída. Lá vem o Vasco. O Maneca está com a bola nos pés. Chutou. A bola pequena vai crescendo, crescendo. Osvaldo não vê mais nada. Dá um pulo e ouve a zuada da torcida. "Vaaasco". Levanta-se, enxuga as mãos na camisa e escuta amargurado o grito anônimo das arquibancadas "Frangooo". E, mal refeito ainda do susto, eis que o mesmo Maneca mete outra bola no goal. Ele nem saiu do lugar. Ficou pregado no chão. Dessa vez a voz não veio da multidão, mas de sua própria consciência: "frango autêntico". Mas o Menezes — não o Ademar — mas o propriamente dito, mais modesto e mais simpático, salva a situação. A turma do algodão pula, grita, solta foguetes. Osvaldo esquece os fracassos anteriores para ir abraçar o companheiro. E volta, mas antes não tivesse voltado. Porque com ele voltou o Maneca, para encaçapar mais um. Parecia coisa feita. Ele saíra bem do arco, sabendo o que ia fazer e acontecera aquilo. Sua consciência e a voz das arquibancadas gritaram juntinhas: "Frangoooo". E fôra frango mesmo e dos grandes e... Nossa Senhora lá vem o Ipojuacan PULA OSVALDO — "goooooal". De cara na grama, grama fria, molhada de chuva, Osvaldo medita sobre as possibilidades de sair dali sem ser visto. Levanta-se cabisbaixo e quase sorri quando o juiz dá por terminado o primeiro tempo.

No vestiário recebe novas instruções. Que não fique nervoso, que procure se colocar, que isso, que aquilo. Ele ouve tudo e pensa que talvez uma reação possa salvar o Bangu. Agora ele está do outro lado do campo. Os fotógrafos (maldição) parece que adivi-

nharam o seu dia negro. Estão todos agrupados atrás do seu arco, na expectativa de mais um goal. Felizmente a bola está lá na frente. Ora com Zizinho, ora com Vermelho, que está largando a botina. "Bem feito" — pensa Osvaldo. Mas o Vasco está jogando uma enormidade. Danilo brilha como nos seus melhores tempos. Mão de Zózimo. Atenção Osvaldo. Chuta Danilo. Bola com Ademar. Lá vem o Queixada. Vai colocar neste canto. Mas... não. Será o Benedito?

Ao apanhar a bola no fundo das rédes Osvaldo percebeu perfeitamente o olhar de censura que o Mendonça não pudera disfarçar. Enfim... agora faltava pouco.

Nova saída, nova tentativa frustrada de Vermelho. Outra vez Danilo, o príncipe. Deu pro Ipojuacan. O Varapau, graças a Deus é um molenga. Mas passou por Zózimo. "Vai nele, Djalma" — grita Osvaldo. Djalma foi e o Varapau deu-lhe um bonito come. "Isso também é desaforo" — diz o goleiro — Essa não entra. E de fato não entrou. Osvaldo pela primeira vez conseguiu fazer uma de-



jesa bonita. Só que a bola escapou de suas mãos... CUIDADO, OSVALDO! O Ipojuacan, mesmo molenga, chegou primeiro que êles "Gooooal".

Vasco, Vasco, Vasco é tudo que pode ouvir, antes do apito final.

Ao entrar no vestiário Osvaldo olhou para cima, com medo das possíveis laranjas arremessadas pelos torcedores descontentes e viu... (êle garante que viu) o seu anjo da guarda lá em cima, abraçado num refletor fazendo careta pra êle.

AS ÁRVORES

Estava na mesa do bar, com o meu amigo "R" — o que me deu êste emprêgo — quando a moça sentou ao lado. Disse umas poucas palavras e, depois, entregando-me um papel e uma caneta, mandou: — Faça duas árvores.

Eu pensei que fosse para ver se eu sabia desenhar e comecei, com o maior dos carinhos, a fazer uma jaqueira. Jaqueira — vocês já sabem como é — tem galhos ondulados, incertos, torcidos e outros que pendem ao péso da fruta. Depois, desenhei um coqueirinho sem importância, mas com um cacho muito caprichado. A moça botou os óculos, tomou um jeito de membro diretor da Sociedade Protetora dos Animais e começou a falar:

— "Você está perdido. Sua vida está cambada e você não tem nada em mira. Não passa de um trópego, um exausto. Por seu gôsto, você fazia, do passado, uma cadeira de balanço e dela não sairia nunca mais."

Sem que pudesse suspeitar, tinha diante de mim, de saias, um agente secreto do Dr. Mira y Lopez. Mas, era tarde. Havia caído no "conto das árvores". De lá para cá, tenho andado impressionadíssimo com a tal história de ser trópego, cambaleante e incerto. Se a moça me avisasse, em vez da jaqueira e do coqueiro, teria desenhado umas palmeirinhas bem elegantes, bem empinadas, assim como a senhorita Danuza Leão, "um modelo" de senhorita.

PIANO — Houve um "cobervillezinho" em casa de um amigo. Encomendaram bebidas, comidas e um piano, que animaria as danças. Às 4 da tarde, começaram a chegar, ao mesmo tempo, todas as encomendas: garçons, com garrafas, salgadinhos e, depois de tudo, um homem suadíssimo, exausto, carregando, sózinho, um piano, tipo apartamento.

O garôto da casa aproximou-se do pobre homem e perguntou: — O senhor é que é o Roberto Inglês?

da vida são: revólver, isqueiro e mulher. Falham, exatamente, na hora em que a gente mais precisa. Há, porém, certas marcas aconselháveis: isqueiros "Zippo", revólver "Smith and Wesson" e mulher "Feia".

LUZES — Dá o que pensar, quando a gente fica olhando as janelas de um edifício, depois da meia-noite. Luz acesa, durante muito tempo, até altas horas, pode ser: festinha, jogo de bú-raco, mulher braba esperando o marido ou estudante cearense estudando Direito Civil. Luz, que acende e apaga logo, pode ser: despertar de pesadelo, ida rápida ao banheiro, telefonema da série "não é para aí não", copo d'água gelada, barulho suspeito na cozinha e hora de tomar o remédio para a tosse. Luz mortíca de abat-jour é insônia de moça, lendo a "Escrava Isaura" ou decifrando palavras cruzadas. Luz trêmula de vela é apartamento onde a Light cortou a luz.

MANIA — Antigamente, ofereciam-se jantares, almoços, chás-dançantes. Agora, o Sr. Chateaubriand, que anda muito festeiro, está usando oferecer vaquejadas. Nessas "pastorais" o senador traça o francês e o inglês, com um delicioso ocento de Patos e Cajazeiras. A mania atual é vestir a roupa do vaqueiro nordestino. É um indumento de couro, feio e incômodo, que os vaqueiros só vestem porque as rézes saem muito da trilha e obrigam o cavaleiro a entrar no mato, onde espinho é mato. Não fosse isso, êles vestiriam terno branco, bem engomadinho, com camisas-tricoline e gravatinha-borboleta.

Por êsses dias, será oferecida uma vaquejada-dançante ao senhor Jacques Fath e todos irão vestidos de gibão e chapéu de couro. Há vários meses eu venho recortando e guardando a fotografia de quem se veste de vaqueiro. São umas belezas. Daqui a uns tempos, quando essa mania passar, minha coleção há de ter algum valor. Vão tirando retrato, que eu vou guardando.

Carta ao Prefeito

Senhor Prefeito —

Era ao Bispo que eu devia me queixar — é o que todos me dizem. Mas acho que não fica bem, pelo menos neste número de COMÍCIO, em que o Fernando Sabino, além de me intrigar com a memória de Gide, dizendo que nunca o li, e dar a entender que só tenho alguma cultura de uisque (bebida que às vezes sou obrigado a tomar para poder desfrutar, nos botequins desta praça, da companhia divertida dele e de outros chichisbéis e valdevinos) ainda pretende me deixar mal com a Santa Madre Igreja. Até parece que eu sou contra o Index — que, pelo contrário, considero uma brilhante prova da evolução do espírito liberal do Santo Ofício, que antes não se limitava a escrever o nome de um autor e seus livros numa lista negra, mas queimava caridosamente os livros — e, às vezes, o autor.

O Senhor Prefeito, que já correu perigo de ser excomungado, compreenderá minha reserva, e meu temor. Deixemos o Bispo em paz, e vamos ao caso que, nem por ser meu particular, deixa de ser de todo o povo desta cidade que o senhor governa.

Eu quero morar, Senhor Prefeito; e, homem de sorte, já tenho onde. Senti-me feliz quando arranjei êsse lugar onde; mas já se escoaram meses, e eu continuo a não morar, continuo a esticar o meu velho corpo cansado em camas emprestadas de alheios quartos, de lares amigos e caridosos.

Estou longe de meus livros, de meus quadros, às vezes até de minhas cuecas, meus pobres trens espalhados um pouco por toda parte na Zona Sul desta capital, mendigando aqui um almoço, além um banho, mais além uma cadeira e mesa para escrever, ou um rádio para ouvir o jogo de futebol. Ao trotar por essas nossas ruas, Senhor Prefeito, com minha escôva de dentes no bôlso e uma pequena maleta na mão, eu me sinto um flagelado sem páu-de-arara, e no meu peito ferve um ódio de morte ao imperialismo.

Quando eu falo de imperialismo estou falando da Light e todos êsses seus pseudônimos que monopolizam o gás, o telefone, a luz. Homem de idade proecta e saúde melindrosa, não posso, no inverno, tomar banhos frios; e se não tenho gás para acender o meu fogão, como vou cozinhar meu triste almoço? E se um diretor de jornal, sentinela da democracia, não tem telefone, como pode êle vigilar a República, com sua casa isolada do jornal e do mundo?

Pois chorando, implorando, ameaçando, fazendo preces e palavras, já consegui, Senhor Prefeito, que ligassem o gás ao meu edifício. E agora sou, na Companhia que explora esse mau cheiroso ventinho que pega fogo, objeto de mofa e escárneo de todo o mundo. Êles me dizem: "choraste, Braga? pois lá tens o gás; agora é preciso que vá um fiscal da Prefeitura e diga que o podemos ligar ao teu apartamento".

Que vergonha, Senhor Prefeito! Eu a combater o polvo imperialista, e o polvo a me apontar, com seus mil braços, a desidia de minha Pátria, e a me dizer, com sua boca nojenta: "vamos, agora não se trata de "tubarões" estrangeiros: é a tua Prefeitura, da tua cidade, é a gente de tua terra e de teu sangue que proíbe o teu feijão, oh miserável!"

Não é pelo gás, Senhor Prefeito, é pelo nome do Brasil! Mande lá um fiscal, um fiscal decente, que não queira "morder", como os outros, o português da portaria; que diga que tudo está em ordem e que me permita voltar-me outra vez para êsses sacripantas estrangeiros e dizer: "vamos, polvinhos, filhos do polvo, o meu gás!"

Vou lhe mandar esta crônica com meu (futuro) enderêço e um pedindo de telefone e de clemência. E entrementes sou, Senhor Prefeito, ainda que sem pão, sem fé, sem lar, sempre seu admirador e criado sem valia.

RUBEM BRAGA